

DOSSIÊ: MULTICULTURALISMO, TRADIÇÃO E MODERNIZAÇÃO EM RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

MULTICULTURALISMO, TRADIÇÃO E MODERNIZAÇÃO EM RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Mundicarmo Ferretti
Luiz Carvalho de Assunção

O uso do termo religião afro-brasileira para designar o conjunto de manifestações religiosas de matriz africana encontradas no Brasil tem sido criticado por estudiosos e por suas lideranças religiosas, por referir-se a uma pluralidade de manifestações religiosas sem unidade doutrinal ou ritual: Batuque, Candomblé, Tambor de Mina, Xangô e outras, algumas vezes referidas por seus devotos como “seitas”. Por essa razão, o termo tem sido usado preferentemente no plural – religiões afro-brasileiras. Além da diversidade a que nos referimos, cada religião afro-brasileira apresenta variedades geralmente associadas a etnias africanas diversas, comumente denominadas ‘nações’, como: angola, jeje, nagô, ketu e outras.

No Brasil, a literatura clássica sobre as religiões de matriz africana, de Nina Rodrigues a Roger Bastide, em consonância

com o discurso de renomadas ‘casas matriz’, enfatizou o seu tradicionalismo, afirmando a fidelidade dos “terreiros de raiz” às origens africanas, a sua resistência às imposições da classe dominante, e a sua independência de tradições culturais de diferentes povos que constituem a população brasileira. Mas, apesar da afirmação desse tradicionalismo, as religiões afro-brasileiras, mesmo nas denominações ou nas ‘casas matriz’ consideradas mais apegadas às suas origens africanas, têm se adaptado a mudanças ocorridas na sociedade brasileira, sofrido influência de outras religiões de matriz africana, e introduzido elementos de outras tradições culturais. Esse processo tem levado também ao surgimento de outras denominações religiosas, geralmente apresentadas como sincréticas ou mais sincréticas, como a Umbanda, hoje muito di-

fundida em todo o território nacional e em expansão para outros países, as 'linhas de Jurema' e 'de Pajelança', essas encontradas principalmente em terreiros do Nordeste e do Norte do Brasil.

Além do estigma da escravidão, da pobreza e do preconceito contra o negro, algumas tradições culturais afro-brasileiras menos prestigiadas, com menor visibilidade na literatura e na mídia, têm enfrentado grande dificuldade na sua continuidade e têm sido, muitas vezes, substituídas por outras que parecem ter mais condição de satisfazer as exigências de prestígio e de modernização dos terreiros. Esse movimento, apresentado como "reafricanização", "volta às raízes" ou "mudança de nação", tem se direcionado principalmente para o nagô ou para o candomblé. Assim, embora os termos tradicionalismo e modernização sejam frequentemente usados para designar tendências diferentes existentes nas religiões afro-brasileiras, e até mesmo opostas, têm sido observadas situações em que eles parecem convergir para o mesmo ponto, como ocorre em vários processos de "reafricanização" de terreiros muito observados desde a década de 1980. Com efeito, em vários casos, o que tem sido apresentado como "reafricanização" pode ser interpretado mais como "invenção da tradição" (HOBBS-BAWM; RANGER, 1997) ou como substituição da tradição da casa por outra considerada de maior "fundamento" africano ("mudança de nação"), do que como uma volta ao passado ou como revitalização da tradição dos terreiros.

Os artigos reunidos no Dossiê 21 da *Revista Pós Ciências Sociais* procuram trazer novas informações sobre religiões afro-brasileiras, analisar exigências de tradicionalismo e de modernização por elas enfrentadas na atualidade e discutir conceitos que

vem sendo utilizados na interpretação de suas mudanças. Tomando como referência o *Tambor de Mina* do Maranhão, o *Batuque* do Rio Grande do Sul, o *Candomblé* da Bahia, a *Umbanda* do Sudeste ou a *Jurema* do Rio Grande do Norte, esses artigos enfocam o diálogo ocorrido entre essas denominações em diferentes épocas e delas com outras religiões ou tradições culturais e suas experiências de mudança ao longo dos anos. Algumas daquelas manifestações religiosas foram apresentadas desde os estudos de Rodrigues (1977), Ramos (1942), Carneiro (1969) e Bastide (1971) como de matriz africana. Outras, embora tenham origem africana discutida, como a Umbanda, ou contestada, como a Jurema, estão presentes atualmente em grande número de terreiros conhecidos como de religião afro-brasileira e apresentam uma pluralidade de formas de integração com as denominadas tradições religiosas afro-brasileiras.

No primeiro artigo da coletânea - *Sincretismo e hibridismo na cultura popular* -, o Prof. Dr. Sergio Ferretti, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que, desde sua tese de doutorado, publicada originalmente em 1995 (FERRETTI, 2013), tem analisado a utilização do termo sincretismo nos estudos de religiões afro-brasileiras, analisa a utilização desse conceito em trabalhos mais recentes e a preferência por parte de alguns deles pelo uso do termo hibridismo na interpretação de processos de integração cultural. Depois de mostrar que, apesar das críticas recebidas, o conceito sincretismo continua muito utilizado e tem se mostrado útil na descrição e interpretação de manifestações religiosas afro-brasileiras, Ferretti afirmando a associação do conceito de hibridismo aos estudos de biologia, se posiciona contra a substituição de sincretismo

por hibridismo nos estudos sobre cultura, especialmente naqueles sobre religião.

O artigo de Roberto Malighetti, professor, doutor da Università degli Studi di Milano Bicocca – *Sou um mineiro, tenho tenda mineira e vivo cuidando da religião: fusões de tradições nas palavras de um mineiro maranhense e dos seus guias* – enriquece a discussão sobre a fusão de tradições e sobre o Tambor de Mina com a edição de entrevistas realizadas por ele com Memê – pai de terreiro de Guimarães (MA), preparado no já desaparecido Terreiro do Egito, que funcionou em área de difícil acesso de São Luís, entre os séculos XIX e XX. Como até agora, apesar de fundadores de vários importantes terreiros da capital maranhense terem sido preparados ali não se localizou documentos sobre aquele terreiro, o trabalho do Dr. Malighetti se reveste também de grande importância para a história do Tambor de Mina, além de apresentar uma postura metodológica defendida por ele em várias publicações, inclusive em artigo publicado no *Caderno Pós Ciências Sociais* (MALIGUETTI, 2004) e de suscitar uma reflexão sobre as complexas relações entre modernidade e tradição.

No artigo *A Umbanda, as notícias e os números*, a professora, doutora, Maria Helena Villas Bôas Concone, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC de São Paulo, comenta dados do último censo sobre opções religiosas brasileiras, onde a Umbanda aparece em números muito pequenos, e o silêncio, nos últimos anos, dos jornais paulistas sobre a Umbanda, levantando questões sobre mudança, visibilidade na imprensa e lugar da Umbanda na atualidade. Afirmando a não observação desse silêncio, no que diz respeito às denominações evangélicas e ao catolicismo, a autora indaga se a Umbanda teria perdi-

do a capacidade de oferecer respostas e dar significado à vida dos adeptos, capacidade esta registrada em pesquisas anteriores realizadas por ela desde a década de 1960 (VILLAS BÔAS CONCONE, 1987). Para a Dra. Villas Bôas Concone, o declínio da Umbanda no último censo pode estar associado ao do catolicismo, considerando que o duplo pertencimento (ao catolicismo e à Umbanda) era e é uma realidade frequente na Umbanda e que ela continua dando provas de sua capacidade de adaptação e de resposta aos novos anseios da sociedade, como demonstrado na atuação da editora Arché e da Faculdade de Teologia Umbandista, ambas em São Paulo.

Em *As religiões afro-riograndenses na visão de dez agentes religiosos que já partiram* o Dr. Ari Pedro Oro, professor de antropologia do programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador das religiões afro-brasileiras nos países do Prata (ORO, 1999), após afirmar que Porto Alegre foi a cidade brasileira que apresentou no censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) maior índice de participação e de afirmação de pertencimento às religiões afro-brasileiras, analisa respostas de respeitados pais-de-santo de Porto Alegre, hoje falecidos, a questões por ele formuladas nas décadas de 1980 e 1990 em torno das religiões afro-brasileiras e de sua expansão para o Uruguai e Argentina. Aqueles sacerdotes, apresentando-se como fortemente vinculados às linhagens da ancestralidade do Batuque e preocupados com o futuro das religiões afro-rio-grandense, assumiam posições bastante críticas em relação a características que estavam sendo observadas nas religiões de matriz africana do Rio Grande do Sul, como: redução do tempo de iniciação, tendência a mercantilização

e espetacularização, e incremento do culto a Exus e Pombajiras. Conclui que, apesar das críticas daqueles sacerdotes às gerações mais jovens e preocupação com a sua continuidade, as religiões afro-brasileiras se mantêm vigorosas no Rio Grande do Sul.

No artigo *A festa maior dos terreiros: Divino e Mina em São Luís*, o Prof. Dr. João Leal, da Universidade Nova de Lisboa, especialista em Festas do Divino Espírito Santo (LEAL, 1994), enfoca uma das particularidades daquela devoção católica em São Luís do Maranhão – a sua realização em casas de religião afro-brasileira e a sua integração ao Tambor de Mina como obrigação afro-religiosa e festa maior –, e chama a atenção para a importância dessa festa para a abertura dos terreiros para fora e para o seu enraizamento em espaços de relacionamento social mais amplos. Em consonância com outros pesquisadores, o autor apresenta o sincretismo como um traço importante do Tambor de Mina e a Festa do Divino como um ritual realizado nos terreiros de Mina onde esse sincretismo se manifesta claramente, mas também uma festa que projeta os terreiros para o espaço público e pode ser percebida não só como religião, mas também enquanto “cultura”, aspecto não abordado ou menos enfatizado na literatura específica.

O Prof. Dr. Sousa Junior (2009), da Universidade Federal da Bahia, especialista em Candomblé, em seu artigo *Comida de santo e comida de branco* trata sobre mudanças que vem ocorrendo no candomblé baiano no tocante a um dos seus elementos que até poucos anos se apresentava muito tradicional, as oferendas às divindades ou entidades espirituais africanas, aos orixás. Mostra que, em vários terreiros de candomblé baiano, a comida de santo vem sendo reduzida ou vem desaparecendo e, à semelhan-

ça da comida de festa ou “comida de branco” (mais refinada), vem sendo, não apenas preparada em cozinhas com equipamentos modernos (liquidificador, fogão a gás etc.), com “massas prontas” (para abará, acarajé), mas encomendadas a *buffes* especializados e a profissionais que, mesmo quando iniciados no candomblé, nem sempre pertencem à comunidade de terreiro que realiza a encomenda e não podem prepará-la observando todos os “fundamentos” e tabus que normalmente envolvem o preparo de oferendas nos candomblés tradicionais. Entre os fatores associados a essa mudança, são apontados pelo autor a modernização, necessidade de racionalização do tempo, as alteração de hábitos alimentares e a ostentação de prestígio por algumas lideranças.

O Prof. Dr. Assunção (2006), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pesquisador da área de antropologia das populações afro-brasileiras, com vários trabalhos sobre a jurema nordestina, em seu artigo *A tradição do Acais na Jurema natalense: memória, identidade, política*, trata especificamente sobre a jurema na capital do Rio Grande do Norte e do diálogo mantido por ela com outras tradições religiosas, tomando como referência a trajetória de um famoso juremeiro e pai-de-santo – Babá Karol, apresentado como reelaborador da tradição do Acais e discutindo questões acerca da dimensão identitária e política que perpassa o processo de reelaboração da tradição.

Esperamos que esse dossiê contribua significativamente para o debate sobre multiculturalismo, tradição e modernização em religiões afro-brasileiras e que estimule novas pesquisas e novos olhares sobre o tema.

REFERENCIAS

- ASSUNÇÃO, L. **O reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma Sociologia das interpretações de civilizações**. São Paulo: Ed. Civilizações, 1971. v. 1-2.
- CARNEIRO, E. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Editora De Ouro, 1969.
- FERRETTI, M. **Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís**. São Luís: Edufma, 2000.
- FERRETTI, S. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP/Arché, 2013.
- HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LEAL, J. **As festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de Antropologia Social**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- MALIGHETTI, R. **Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos**. *Caderno Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 1, n. 1, p. 109-122, mar./jul. 2004.
- _____. **O trabalho etnográfico: circularidade hermenêutica e dialogismo**. *Revista de Políticas Públicas*, São Luís, v. 2, n. 1, p. 79 - 93, jan./jul, 1996.
- ORO, A. P. **As religiões afro-brasileiras nos países do Prata**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RAMOS, A. **A aculturação negra no Brasil**. São Paulo: Editora Brasileira, 1942.
- RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- SOUSA Jr., V. **O banquete sagrado: notas sobre a comida e o comer em terreiros de Candomblé**. Salvador: Atalho, 2009.
- VILLAS BÔAS CONCONE, M. H. **Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: FFLCH/USP. CER, 1987.

NOTA SOBRE OS AUTORES

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti é doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo e mestre em Ciências Sociais (Antropologia) pela Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É Professora Emérita da Universidade Estadual do Maranhão e Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. Realiza pesquisas nas áreas de religião afro-brasileira e de cultura popular.

Luiz Carvalho de Assunção é doutor em Ciências Sociais (Antropologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Associado do Departamento de Antropologia da UFRN. Leciona nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Antropologia Social, UFRN. Coordena o Grupo de Estudos sobre Culturas Populares. Realiza pesquisas na área da antropologia das populações afro-brasileiras.

